

Podemos nós, xs gordxs, falar?

Ativismo, imaginação e resistência a partir das geografias desobedientes da carne

Nicolás Cuello

Universidad Nacional de la Plata, Argentina

Tradução:

Sigríð Beatríz Varanis Ortega

História / UNILA

Podemos nós, xs gordxs, falar? Ativismo, imaginação e resistência a partir das geografias desobedientes da carne

Resumo:

O ensaio “Podemos lxs gordxs hablar? Activismo, imaginación y resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne” (2016) escrito por Nicolás Cuello, faz parte do livro “Cuerpos Sin Patronos: Resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne” publicado em 2016 na Argentina, organizado pelos ativistas y pesquisadores Cuello e Laura Contrera. Neste ensaio, o autor nos mostra como o corpo gordo latino-americano ocupa um lugar no debate neoliberal nas visualidades, nos espaços sociais e nas subjetividades políticas. Nos convida a entender o corpo gordo desde suas especificidades geográficas e como nossa auto percepção está construída pela estigmatização, pela vergonha e pela patologização a partir do modelo hegemônico médico. Cuello apresenta o ativismo gordo que pensa a estrutura social e as interseccionalidades desde suas complexidades, indo além de uma visão liberal do “amor próprio”.

Palavras-chaves: ativismo gordo; gordofobia; corpos gordo latino-americano

¿Podemos hablar lxs gordxs ? Activismo, imaginación y resistencia desde las geografías desobedientes de la carne

Resumen:

El ensayo “Podemos lxs gordxs hablar? Activismo, imaginación y resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne” (2016) escrito por Nicolás Cuello, forma parte del libro “Cuerpos Sin Patronos: Resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne” publicado en 2016 en Argentina, organizado por activistas e investigadores Cuello y Laura Contrera. En este ensayo, el autor nos muestra cómo el cuerpo gordo latinoamericano ocupa un lugar en el debate neoliberal en las visualidades, los espacios sociales y las subjetividades políticas. Nos invita a comprender el cuerpo gordo desde sus especificidades geográficas y cómo nuestra autopercepción se construye a partir de la estigmatización, la vergüenza y la patologización desde el modelo médico hegemónico. Cuello nos presenta un activismo gordo que piensa la estructura social y las interseccionalidades desde sus complejidades, yendo más allá de una visión liberal del “amor propio”.

Palabras clave: activismo gordo; gordofobia; cuerpos gordos latinoamericanos

Can we fat people talk?

Abstract:

The essay “Podemos lxs gordxs hablar? Activismo, imaginación y resistencia desde las geografías desmesuradas de la carne” (2016) written by Nicolás Cuello, is part of the book “Cuerpos Sin Patronos: Resistencias desde las geografías desmesuradas de la carne” published in 2016 in Argentina, organized by activists and researchers Cuello and Laura Contrera. In this essay, the author shows us how the Latin American fat body occupies a place in the neoliberal debate in visualities, social spaces and political subjectivities. He invites us to understand the fat body from its geographical specificities and how our self-perception is built by stigmatization, shame and pathologization from the hegemonic medical model. Cuello presents the fat activism that thinks the social structure and intersectionalities from their complexities, going beyond a liberal vision of “self-love”.

Keywords: fat activism; fatphobia; latin american fat bodies



MPAS ELISEOS



LUCHA
LUCHA
LUCHA
LUCHA
LUCHA
LUCHA
LUCHA

01202-002

SÃO PAULO





Abrindo espaço para nós à força: corpos gordos desobedecendo a eugenia neoliberal

Muito do que eu sei sobre o meu corpo aprendi resistindo. Aprendi assim, ao mesmo tempo em que me foi necessário demandar força para retardar os efeitos dos golpes, na convivência com a ideia permanente da vergonha e solidão em que me encontrei atolado durante tanto tempo de minha vida por carregar essa suposta excêntrica quantidade de carne e gordura no mundo.

Quando revejo e paro para pensar politicamente na minha experiência de vida, não me lembro de quando não existiu perguntas ou questionamentos sobre meu corpo gordo. É um lugar onde eu sempre estive e sigo estando. Me percebi gordo, quando me disseram, quando me apontaram de maneira pejorativa “Vai embora daqui, gordo viado!”, nas palavras de um colega da escola primária, enquanto jogamos no recreio. Aí eu entendi que dali para frente era assim que a sociedade iria nomear e tratar o meu corpo gordo, entendendo esse corpo como um corpo que não pode, um corpo que falta, mas que sobra, que custa, que duvida, que cala, que não entra, que tropeça, que irrita, que não avança, que não trepa, que é especial, usa roupa cinza, preta, ou marrom, que não tem amigxs, mas que sempre é simpático, que é compreensível mesmo quando não quer ser e que sempre come por angústia, entre outras coisas.

O que no princípio se tornou uma tentativa de entender e questionar quais eram as representações e os afetos disponíveis para as pessoas gordas, com o passar do tempo, e sobretudo, graças à possibilidade de abrir interlocuções com outros contextos de resistência político cultural, tanto do exterior como de experiências locais vinculadas aos feminismos e ao ativismo LGBT, como movimentos contraculturais como o punk e a música alternativa, é que pude começar a identificar e reconhecer que esse tipo de violências não eram somente uma vivência pessoal, mas sim um cenário de maior complexidade em que era possível e necessário se pronunciar.

A gordofobia não é meramente uma experiência traumática e dolorosa de cada uma das biografias existenciais da vivência, mas sim uma matriz complexa de opressão que envolve uma multiplicidade de aparatos de controles biopolíticos que tem como objetivo a eliminação material das corporalidades gordas, já que são entendidas como uma enfermidade de escala global que coloca em risco ou piora a qualidade de vida da população, deformando o limite do próprio corpo por conta de um consumo excessivo de alimentos. Esses mecanismos de controle e produção normativa dos corpos se tornam efetivos mediante o uso permanente da violência psicológica e emocional, envolvidos por uma trama de tecnologias semióticas-políticas que invadem, torturam, e ferem de maneira incessante nossas subjetividades, afetando nossos modos de vida. A gordofobia atua materialmente no ordenamento de sistemas sócio-culturais de cada região e ponto do mundo, através de situações que envolvem exclusão social, estigmatização sexual, desvalorização afetiva, injustiça econômica e profissional, quadros de stress e ansiedade social, fortes depressões causadas pelo isolamento, a exclusão e vergonha que produz a criminalização, estigmatização e patologização na opinião pública de nossos corpos, ao qual devemos somar a violência física, verbal e psicológica dispostas como ferramentas de ordem pública para a correção da suposta desobediência de nossas gorduras.

Ao mesmo tempo que a gordura é constituída como uma ameaça social em espaços de articulação internacional, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que habilitam a discussão e promulgação de políticas públicas que têm como agenda seu extermínio, os quais se desdobram em consonância e intrínseca relação especulativa, indústrias privadas multimilionárias de dieta que produzem em escala global consumos para a perda de peso e padronização dos corpos magros que incluem produtos de venda livre com um alto custo, clínicas de internação,

programas anuais de alimentação e treinamento físico especializado na redução do índice de massa corporal, como também uma extensa oferta de cirurgias disponíveis para a intervenção e adequação dos órgãos que possibilitam a perda de peso.

Tudo isso acontece graças à naturalização do pressuposto generalizado de que nossos corpos, somente por serem gordos, quer dizer, por serem maiores que os outros, são de maneira inexorável corpos doentes que comprometem e colocam em risco a saúde. Porém, é importante entender que aqui a saúde pouco tem a ver com o melhoramento ou com a garantia de condições adequadas de vida, ou com o acesso a tecnologias médicas ou psicológicas específicas que facilitem o bem-estar em situações de complexidade orgânica ou psíquica, mas sim a saúde como preocupação fundamental destes programas de escala mundial, sendo entendidos como uma garantia produtiva e reprodutiva que aceita o ritmo ininterrupto da mais-valia capitalista.

Este é o cenário no qual nós, ativistas da gordura, intervimos:

Desenvolvendo estratégias localizadas de intervenção crítica para apontar os mecanismos de opressão gordofóbicos e para desmontar na medida de nossas possibilidades, o avanço aterrador do ódio eugênico das indústrias da dieta e das políticas internacionais de produção normalizadora dos corpos, implementadas pelos estados neoliberais contemporâneos.

Produzindo o desmoronamento e contranarrativas públicas de nossas vidas como pessoas gordas que possam distorcer a submissão, a obrigatoriedade do respeito, a ordem, e a introspecção, carregada de dúvida e rancor, a qual nos obrigam a viver como únicos afetos possíveis para o desenvolvimento subjetivo.

Interrompendo discursos e denunciando imagens que alimentam o avanço de opressões gordofóbicas, e frente a isso produzir situações que possibilitem formas de experimentar nossos corpos com prazer e alegria rebelde.

Tecendo redes de contracomunicação e circulação aberta de saberes teóricos e práticos (locais e internacionais vinculados à história do ativismo gordo) que possam nos fornecer ferramentas para a gestão de um olhar crítico e empoderado sobre os processos de normalização corporal, e que nos permitam abrir diálogos entre colegas nos quais podemos apoiar e garantir experiências de alívio e afeto coletivo para resistir aos embates subjetivos aos quais somos expostos.

Intervir em situações de injustiça social, econômica e sexual que sejam justificadas pela instrumentalização discriminatória do olhar patologizante que existe culturalmente sobre nossas gorduras.

Encarando esse tipo de opressão não de maneira isolada, mas sim entendendo que a produção normativa dos corpos também está presente e atua diferencialmente segundo as condições de classe, raça e de nosso(s) gênero(s), nossas diversas funcionalidades corporais, e as relações sexuais afetivas que escolhemos sustentar. Pelo que se torna fundamental e uma oportunidade vibrante de aprender com as críticas e com a história das resistências que se asseguram desde o ativismo da diversidade funcional, o ativismo trans local e internacional, as chaves de leitura e as ferramentas políticas que possam contribuir com os feminismos, a teoria decolonial e as políticas sexuais radicais.

Agitando de maneira permanente perguntas e imagens raivosas que desarticulam o silêncio e a invisibilização que garante a violência com a qual se naturaliza nossa opressão.

O nascimento deste ativismo que estamos elaborando desde estas latitudes só é possível graças às relações e vozes compartilhadas construídas em espaços fluidos de escuta, reflexão e ação. Um tráfico amoroso, até o momento pequeno, de coragem, entendimento, e muito político,

não só do corpo gordo, mas também de toda a carga de sentimentos que implica na visibilidade das nossas existências com esta geografia específica da carne. Geografias complexas e paradoxais, submetidas a um regime de dura invisibilidade por extrema visibilidade, porque essa é a nossa realidade, somos os corpos que todxs veem mas poucxs nomeiam nas dinâmicas de desejo e nos manifestos políticos desse novo mundo que está por vir. E se aparecemos, quer dizer, se nos concedem o suposto privilégio de nos incluir, o fazem de uma forma eufemística, com adjetivos que suavizam, dissimulam e ocultam algo que não pode ser pronunciado de outra maneira que não seja a denúncia explícita da gordofobia. Hoje, somos muitas pessoas na América Latina que estamos trazendo vetores de organização e de reflexão sobre a gordura, em distintos espaços, com distintas teorias e olhares, felizmente, questionando as representações estigmatizantes, fóbicas, e mercantilizadas das corporalidades, criticando as normas corporais que produzem alguns corpos como lugares possíveis de existência, e outros como lugares de eterna vergonha, como feridas permanentes que conduzem ao silêncio e à solidão.

Para esse ativismo não se trata somente de discutir com a medicina, e disputar esse sentido comum construído na patologização da gordura e na indústria da dieta, mas sim impulsionar uma crítica um pouco mais além, que alcança outras partes das nossas vidas, porque nossos corpos gordos não se fazem presentes somente quando vamos ao médico. A gordofobia está presente constantemente, em todos e em cada um dos espaços que habitamos. É por isso também que o ativismo da gordura significa a oportunidade de promover uma crítica social que não se limite a disputar sentidos com as patologias ao redor do fenômeno da “obesidade”, mas também questionar criticamente por essa ordem de corpos possíveis, e justamente, pressionar e friccionar o limite em todas as suas direções. Desnaturalizar que as nossas existências como gordxs estão privadas de prazer, afetos, beleza e nos apropriar desses espaços dos quais nos privam, para ocupá-los como espaços próprios de enunciação política, desde onde podemos nos inventar mais uma vez, sem padrões, sem normatividades asfixiantes, e com alianças suficientes para seguir questionando um mundo que continua sendo patriarcal, heterossexual, branco e corporalmente esbelto, fibroso e “saudável”.

Contra a aceitação: políticas da vergonha e resistências gordas para uma crítica radical a partir dos corpos

Mas essas metodologias de ação política que estão presentes em nossos ativismos, acredito pessoalmente, que é importante que não acabem reduzidas à mera produção de políticas identitárias reconfortadas pelas retóricas do orgulho, ou presas na demanda de aceitação/assimilação dos corpos gordos. Claro que é importante fazer valer nossas experiências de vida, no sentido de torná-las possíveis, não só reais, como em todas as direções que possa significar a possibilidade, sobretudo para as dinâmicas de desejo, porém acredito, que é urgente reconhecer que este plano de ação não pode apagar a visibilidade de feridas que carregamos, os silêncios que nos encurralam, e a insegurança que nos produz ao sermos expulsxs, porque é aí onde também é possível construir uma política radical da qual podemos fazer da crítica uma experiência, conectá-la com outrxs, e transformá-la em uma plataforma na qual podemos produzir imagens que disputam as representações dos mundos e dos corpos disponíveis.

Se tornou comum quando nós, ativistas que estamos pensando nossa gordura, fazemos circular em espaços locais de diversas linhas de ação política a pergunta pela gordofobia como uma matriz de opressão que soma complexidade à bateria de tecnologias que administram a violência de um sistema cultural em que vivemos de produção regrada de corpos, encontramos

uma quantidade de reações que se tornam um sintoma de quando visibilizamos nossas próprias experiências como corporalidades gordas objetivando-as como uma problemática coletiva de ordem político-público, supondo por um momento, reações estranhas de assombro e o silêncio de quem pensávamos ser aliadxs, mas tudo o que importa é pulsão pelo empoderamento forçado, pela retórica da aceitação e do orgulho, uma modalidade particular e muito ansiosa de impor soluções programáticas e unilaterais que impossibilitam a abertura da crítica ao ordenamento dos privilégios corpo-sexo-genéricos, nem permitem perguntar pelas dinâmicas de poder nas quais estão organizadas o marketing do desejo dos movimentos sociais. É extensa a quantidade de ativistas políticos que consideram menos importante a discussão sobre a gordura, e especialmente, consideram desimportante a pergunta pela experiência sensível da vergonha, do prazer, e da beleza em aqueles “outros” corpos que deveríamos curar rapidamente com o feitiço “eu me amo, eu me aceito, sou forte” ou “eu posso mudar e deixar de me sentir assim, se eu quero, eu tomo a decisão”.

Não é por acaso, então, que a vergonha ocupe o lugar que ocupa dentro de alguns de nossos ativismos. As pessoas gordas experimentamos desde o primeiro momento em que nosso corpo excede o que é visivelmente permitido, desde que transgride a porção reduzida e previamente permitida de espaço, o insulto e a constante lembrança sobre a transgressão cometida. Gordxs somos aqueles que somos nomeados em cada um dos espaços em que transitamos, em todas as cidades do mundo, em cada objeto de vida cotidiana que nos rodeia, nos lembram nossa forma, e especialmente, nos dita a sentença de expulsão como uma condenação social ao nosso excesso. Gordxs, insulto que sentencia o transbordar de um limite que inteligentemente tornou invisível a artificialidade de sua natureza através da ficcionalização de algo chamado “o corpo normal” ou o “peso indicado”. Gordxs, assim nos chama a sociedade desde o momento em que é visível a traição as trincheiras da carne, envergonhados por sua suposta impossibilidade, sua permanente falta, e seu excesso abundante, corpos silenciosos e silenciados, sujos e suados, irritantes e asexuados, desajeitados, cinzas, tímidos, mansos, tristes e entediados, entre tantos outros adjetivos cortantes que constituem o gráfico do ridículo e da desacreditação. Porém, os interlocutores do ódio não são somente aqueles policiais dos corpos, senão também, todos os cenários em que se desenrolam e pelas quais se sustentam os mecanismos de controle da carne. Gordx, quando não entro em uma peça de roupa, gordx quando as arquiteturas urbanas nos expulsam com sua estreiteza, gordx quando não passo por uma porta, gordx quando sinto que uma cadeira é fraca, gordx quando subo em um ônibus com muita gente, gordx dito e pronunciado por eco disciplinado que fantasmaticamente põe ordem, lá quando parece não haver ninguém.

O imperativo da aceitação e o chamado urgente que pulsa o orgulha como a única e primeira política que consegue tornar visível que estamos aqui e que decidimos não aguentar mais a violência, se constrói de maneira totalitária como única estratégia de resistência política e de interpelação crítica aos discursos da gordofobia. Importa-me poder perguntar a este tipo de retóricas da subestimação de si mesmo, de hipervisibilidade da força e do desenfreado, o que poderiam estar deixando de fora? Que outros territórios sensíveis poderiam oferecer-nos aos nossos corpos como espaços possíveis a partir dos quais disparar gritos de rebeldia que se oponham à discriminação e injustiça permanente que enfrentamos? Fugir da aceitação como o único horizonte possível nas nossas práticas políticas para dar lugar a outras estratégias que partam do reconhecimento do limite que representa a imediatez e o alívio da integração, e desmantelem os mecanismos de fagocitação política desde os quais o capitalismo neoliberal consegue instrumentalizar as demandas sociais reterritorializando e aplainando toda potencialidade de resistência a seus modos de produção e organização, pelo encantamento que supõe

o ritmo acelerado de transformação da dor em cura, de trauma a esquecimento. Aceitos por quem? Integrados a que sistema de organização social e cultural? A que custo?

Ceder diante da urgência da aceitação e do orgulho, para dar lugar a uma acidentada intensidade que nos abrigue desde a produtividade da vergonha, que nos entenda no tempo que duram nossas quedas, e que nos envolve no calor raivoso de uma política imaginativa radical, que começa por crer no próprio corpo como possível, produzindo um intervalo ao ódio, ao desprezo e à zombaria dos olhares, mas que não esquece nem silencia que as temporalidades que exige cada corpo dependem das potências e dos recursos com os quais contamos, e ali também se escreve a história das nossas diferenças. Porque nossos corpos gordos não são todos iguais, e porque os graus de violência a que fomos expostos não podem se tornar homogêneos, como tampouco podemos deixar de lado as escrituras pós-cirúrgicas de nossos corpos submetidos a operações, as rachaduras na sociabilidade que provocam nossas infâncias em dieta, entre muitas outras experiências nas quais nos faltam as palavras, e nos sobra tempo em silêncio. Estas são texturas que não podem ser pulverizadas pelo sorriso da complacência e da paixão individualista. Dar-nos lugar a processos de empoderamento, reformulação e reflexão crítica e política de maneira coletiva sobre nossas corporalidades também é parte de nosso ativismo, porque implica fazer greve à temporalidade produtiva que instala em nossos corpos e em nossas subjetividades a ordem majoritária do capitalismo cognitivo, que nos obriga a dar conta de nós mesmos, e a conceber projetos de vida e locais de enunciação mais claros.

Então nos resta pensar em que práticas são possíveis de levar adiante para que seja cada vez mais claro que estamos aqui e abrimos um lugar à força do qual podemos nos engajar na transformação radical dos modos em que se produzem e administram social, cultural, sexo-política e economicamente nossas corporalidades, multiplicando espaços de experimentação sensível nos quais possamos fazer possíveis nossos corpos ao nosso ritmo, com nossas formas, e com os prazeres que saibamos e possamos inventar desde nossas diferenças.

Fazer vista grossa? imaginando uma política visual do excesso

Uma das modalidades através das quais aciona a gordofobia é a proliferação ininterrupta de imagens que cristalizam representações estigmatizantes dos corpos gordos. Esta circulação paroxística de imagens se restringe a exibir uma experiência condicionada, tendenciosa e manipuladora do que significa ou do que é possível experimentar sendo gordo. Geralmente as representações de nossas corporalidades aparecem fragmentadas, focalizadas naquelas geografias da pele que excedem as formas instituídas como “normais”, produzindo recortes, e sobre enquadramentos das dobras, estrias, pernas, abdômen e toda a parte dos nossos corpos que foram retiradas das histórias, e exibidas como carne cortada à faca, tentam mostrar uma realidade unilateral e inquestionável de vergonha e horror excessivo. É assim que aparecemos representados sem histórias, extraídos de marcos territoriais, e geralmente – não é um detalhe menor – sobre locações que nos impedem de considerar um corpo afetado ou conectado com outros sujeitos. Normalmente, e basta uma busca rápida em bancos de imagens da internet, este tipo de representações provêm ou majoritariamente estão vinculadas com mecanismos de ilustração e representação de que são funcionais às políticas gordofóbicas de certas práticas médicas e às indústrias da dieta, que tratam as nossas corporalidades como carne sem vida onde ficam anuladas outras experiências afetivas que não sejam o auto-desprezo, o desgosto, a ridicularização e a urgência pela auto-extinção (COOPER, 2007). Eu proponho àqueles que lêem

estas palavras, acessar e realmente tirar um tempo para procurar imagens de circulação pública e massiva em torno da palavra “gordo”, “corpos gordos”, “gordura” para citar algumas entradas possíveis. Esses resultados ali encontrados representam o estado atual do senso comum em relação a nossas vidas, e são, pelo nível de violência com que estão produzidos, mecanismos de torutra e de pulverização subjetiva, aos quais nós, pessoas gordas, nos enfrentamos constantemente. Frequentemente este uso programado das quais imagens tomam estado público sobre nossos corpos, como dissemos antes, estão administrados por numerosos enclaves e complexas tramas de poder. Mas um deles, é o que nos importa aqui evidenciar, são as grandes marcas e empresas de redução de peso que formam a indústria da dieta que promovem as suas fórmulas excepcionais com campanhas incisivas que têm como eixo fundamental a exibição visual dos seus lucros mediante publicidades, entrevistas, notas e imagens que usam depoimentos, documentação e registros médicos para ensinar sua efetividade na perda de peso e para transformar o corpo gordo. A estrutura que ocorre nestas políticas de visibilidade reproduz constantemente um formato que chama a atenção: o Antes e o Depois. Dois corpos opostos, supostamente da mesma pessoa, friccionam a imagem do “antes”, onde o corpo gordo aparece como sintoma do socialmente odiado e do esteticamente monstruoso que urge desesperadamente se fazer desaparecer e a imagem de um corpo “depois” das técnicas de normalização de um dispositivo médico (como o *bypass* gástrico) ou de um programa de redução de peso, em que é bem claro quais são as formas corretas que fundamentam o desejável. Onde estas imagens se juntam, na comparação desses dois relatos, está condensada a história política de como se insiste em apagar nossos modos de vida, e a legitimidade de nossas experiências.

Dessa fricção resulta uma normativa violenta e extorsiva de como e quais são os corpos visíveis, e quais são lugares de encarceramento e reclusão, castigados pela ausência de desejo. O que têm em comum estas duas imagens que supõem uma distância enorme é que ambos os corpos são sinais de exploração econômica e de espetacularização de suas formas. A efetividade que produz o encantamento e a fantasia erotizante da assimilação e a normalidade invisibiliza completamente a complexidade que supõe a vida: dá-se por entendido que emagrecer implica que se acabe a dor do/em/sobre o corpo, banir para sempre qualquer vislumbre incipiente de angústia, tristeza e rejeição, e parecer que se constitui como um resultado direto a garantia de uma vida digna na qual não existiria nenhuma das opressões que se somam à realidade do corpo, como a precarização laboral ou o desemprego, a homolesbotransfobia, as exigências normativas do marketing do desejo e do racismo. É assim como estas imagens conseguem produzir o anseio e a pulsão analgésica da “felicidade” e o sucesso social como dispositivos de cumplicidade para o extermínio do distinto e a produção de corpos não-gordos.

É por isso que me parece necessário pensar seriamente nas complexas maneiras em que atuam as imagens e estas ordens maioritárias de administração e circulação de visualidades que fundam a norma corporal e que sem trégua alimentam políticas eugenésicas. Quais são as imagens mentais, comunitárias, afetivas que podemos produzir para resistir e neutralizar os efeitos de que nossos corpos sejam lidos como uma epidemia de escala global a ser extinguida? O que hoje penso, e insisto como uma política que concentre seus esforços na experimentação de uma imaginação radical, tem a ver com empoderar-se a partir da potencialidade crítica que supõe a produção de imagens, experiências sensíveis, formas de contracomunicação inventiva, intervenções performáticas no espaço público, e o lançamento de linguagens e tráficos de sinais que nos ajudem a forçar o limite do possível, e que ao mesmo tempo se tornem estratégias para reescrever nossas próprias vidas, onde seja possível experimentar uma pausa ao assédio subjetivo permanente. Com isto não quero dizer que é necessário fundar uma visualidade gorda (SNIDER, 2012) ou uma arte política gorda, ou seja, territorializá-la como um tema pré-codificado disponível

para ser representado por qualquer um. Mas enunciados críticos que interrompam a velocidade com a qual os sistemas de identificação e desidentificação desta fase atual do capitalismo que é cultural impõem sua violência e modelam subjetividades em escala planetária por meio de normas imaginárias e ficções regulatórias do corpo saudável e desejável (SNIDER, 2013).

Um ativismo gordo que entenda a fantasia e o desejo não como um mero dado, mas como o espaço a partir do qual produzir uma resistência crítica (DUNCOMBE, 2007), em que o prazer e a beleza se tornam espaços desde os quais disputar com a guerra constante à qual se submetem material e cognitivamente nossas vidas em uma sociedade transbordada de sinais apologéticos de corporalidades normalizadas, de peles brancas e de futuros construídos pelas potências do consumo. Ensaiair sem garantia, entregues à deriva esperançosa de abrir caminho para outra experiência emocional de nossas potências, possibilidades e desejos, reconhecendo as particularidades nas quais estamos inscritos, elaborando mapas e arquivos do sentir em cada geografia da carne gorda que portamos como um programa político que supõe e se sustenta pelo afeto da multidão de nossas alianças, essas arquiteturas nas que confiamos nossos desabamentos.

Precisamos imagens e formas sensíveis de nos narrar que desmantelem o estado atual das políticas do olhar, para poder quebrar com o assombro e a incapacidade de acreditar que somos corpos possíveis de ser desejados por fora dos espaços mínimos de circulação aos que nos reduzem, para destruir a percepção dessexualizante que insiste em nos privar de poder escolher ter todo o sexo que queremos com quem queremos, e de lá, desde essa desmesurada capacidade desejosa que possamos exercitar com estes corpos gordos, nos inventarmos furiosamente uma vida bela em que a correr o limite do imaginável, para ensaiar urgentemente estratégias para que nossas vidas sejam um pouco mais livres.

Gordura Sudaka: ativismos gordos desde o cu do mundo

É importante poder pensar na criticidade que propõe o ativismo gordo, como dissemos antes, afastando-nos da ontologização absoluta de uma trincheira identitária que suporia um sujeito político único dentro deste ativismo (principalmente identificado como as pessoas gordas, brancas, cisgênero de contextos urbanos em países do primeiro mundo, especialmente os Estados Unidos), mas relacionando e completando seus alcances em ligação com outros ativistas, e com as críticas situadas que são possíveis desde múltiplos espaços de enunciação que também trabalham desde a resistência aos processos de normalização corporal em diferentes contextos geopolíticos. As estruturas de opressão que enfrentamos atuam de maneira diferenciada e em diferentes escalas em relação à localização e à proveniência de cada corpo gordo. Problematizar a gordofobia pode permitir-nos radicalizar e potenciar algumas críticas que normalmente ficam ausentes.

De quais maneiras os corpos gordos interrompem os códigos de existência corporal exigidos pelo comportamento normatizado de cada expressão de gênero em busca da reprodução da masculinidade e da feminilidade heterossexual cisgenero hegemônica? Como atua diferentemente a possibilidade de um corpo gordo na construção da masculinidade? (WYKES; PAUSE; MURRAY, 2014) Quais são os privilégios dos corpos masculinos em relação à super dimensionalização da exigência e da norma corporal gordofóbica para as feminilidades? Seria importante observar que a gordura, além de atuar de diversos modos por causa de um ordenamento fortemente patriarcal de nossas culturas, pode-se pensar como formas de interrupção e descalce das construções de gênero não normativas. O que acontece com a gordura em nossos corpos lésbicas, bichas, trans e intersex? Pessoalmente, em relação a meu próprio desejo, frequentemente me pergunto: o que fazemos os putos que somos viados com nossa gordura, com nossos corpos glabros, fofos

e feminizados que nos deixam de fora das novas normas de construção do mercado gay que apelam pela performance de uma masculinidade compulsiva e heterossexualizante? É necessário dizer, sobretudo pelas lógicas com que avançam os processos de normalização e assimilação das identidades sexuais gay, por exemplo, que a gordura começa a se valorizar, enquanto possa se construir um corpo correto, fibroso, uma espécie de gordura estética em que sempre é o princípio da boa forma e a boa distribuição da carne que reforça a masculinidade, que não dissimula a identificação com a categoria “homem”, produzindo distâncias com aqueles corpos onde a gordura pelas formas, e as maneiras de distribuição que faz a gordura em alguns corpos, lê-se como um fator feminizante. Fica claro como os processos de absorção e instrumentalização que fazem permanentemente o capitalismo neoliberal com a diferença, reproduzem na própria topografia da gordura leituras heteropatriarcalizantes nas quais alguns corpos somos subsumidos às periferias do mercado do desejo por nossa condição de “femininos” enquanto outros, apesar de se situarem fora da lógica heterossexual, continuam a reproduzir e a desfrutar benefícios por não pôr em risco a atribuição da masculinidade hegemônica.

Minha intenção ao pensar como a gordura altera os papéis predeterminados de gênero, não busca só dar conta, como já o fez a teoria queer e alguns feminismos, da construção e produção cultural do gênero. Não se trata de reparar nestes como aparelhos ou ficções somáticas (PRECIADO, 2009), que põem em circulação e reforçam as dinâmicas de poder que este sistema capitalista heterocentrado necessita para o seu funcionamento, mas entender que esses corpos onde se produzem essas alterações nas ordens da lei cultural são mais vulneráveis aos castigos tanto materiais como cognitivos pela polícia dos corpos, e ficam expostos a uma série de injustiças e exclusões que tornam a vida insuportável.

Finalmente, gostaria de compartilhar uma última dimensão crítica que se torna fundamental para somar aos processos de desmantelamento e resistência à gordofobia, que é a consideração de como se constrói nossa gordura e como é que chegamos a ser gordos aqui no sul, com as cores das nossas peles e com estas genealogias raciais que nos diferenciam do olhar branco ocidental da qual opera a polícia dos corpos. Desde o seu início, o ativismo gordo esteve ligado a contextos de países mal chamados centrais, ou do primeiro mundo, onde o desenvolvimento industrial e as configurações dos mercados permitiam e continuam a permitir outros consumos que claramente diferem da realidade dos países latino-americanos, por exemplo, onde o acesso, a distribuição e a produção do alimento atravessam outras redes de poder ainda mais cruéis e sangrentas que os contextos urbanos das metrópoles capitalistas internacionais. O esforço para pensar o ativismo gordo como um programa político radical de crítica sobre os corpos que exceda os marcos de inteligibilidade desenvolvidos por teóricos e ativistas no exterior, em especial estadunidenses, implica também pôr em prática políticas que desestruturam as lógicas coloniais de administração e produção do saber e a prática política da resistência gorda (COOPER, 2012). Como são os corpos gordos do sul? É uma pergunta que nos pode permitir questionar a administração de um sistema sociopolítico onde o alimento é um privilégio, onde existem contextos de violenta precarização da existência, que obrigam famílias numerosas à gestão comunitária da comida, cujos consumos são reduzidos e limitados pela classe social a que pertencem, que modelam e organizam a construção dos seus corpos gordos de forma muito diferente daqueles que têm estabilidade econômica, trabalho e a possibilidade de ascender a outros níveis de consumo alimentar.

Deste modo, a gordofobia pode ser complexa quando é atravessada pela violenta diferença que representa a desigualdade econômica, onde a criminalização da pobreza também se sustenta por uma crítica estigmatizante aos modos de vida, aos costumes culturais, e às formas e aos tipos de consumo das classes sociais mais exploradas. Pessoalmente, acredito que uma

crítica de nossos corpos gordos deve apontar e advertir sobre os modos criminosos aos quais são reduzidos os corpos que sustentam, à tração, as lógicas produtivas deste sistema capitalista, em que as dinâmicas de exploração e extração de mais-valia se refletem nos acessos alimentares e na produção de determinadas geografias da carne. E por isso mesmo, fugir do chamado da aceitação é uma prioridade. Será suficiente que a crítica que podemos produzir a partir de nossa resistência como pessoas gordas vise a inclusão e a redução da discriminação que enfrentamos? Ou que sejamos aceitos nas lógicas do desejo de uma cultura heterocentrada, transfóbica e colonial sem desmantelar uma máquina social que funciona na sua esperança reprodutiva, por meio da exploração dos corpos, a modelização do seu futuro, e o extermínio eugênico de tudo o que foge da norma? Por isso, desde aqui, lentamente mas com decisão, insistimos na necessidade de liberar processos de resistência e experiências sensíveis de prazer rebelde e abrigo coletivo radical desde nossas gorduras insubmissas que nos reuna para frear a complexa guerra material e cognitiva a nossos corpos e para poder vencer a extinção da capacidade singularizante do distinto que guarda a possibilidade de um mundo mais livre, em que todos tenhamos um lugar.

Referências

COOPER, C. **Headless Fatties**. London, 2007. Disponível em: <http://charlottecooper.net/publishing/digital/headless-fatties-01-07>

_____. **A Queer and Trans Fat Activist Timeline**: Queering Fat, 2012.

DUNCOMBE, S. **Dream: Re-Imagining Progressive Politics in an Age of Fantasy**, New York: The New Press, 2007.

PRECIADO, B. **Biopolíticas del género en AA. VV.** Biopolítica. Ají de Pollo. Buenos Aires Traducción de Joaquín Ibarburu, 2009.

SNIDER, S. Fatness and Visual Culture: A Brief Look at Some Contemporary Projects, **Fat Studies: An Interdisciplinary Journal of Body Weight and Society**, 2012, 1:1, p. 13-31.

_____. Introduction to the Special Issue: Visual Representations of Fat and Fatness, **Fat Studies: An Interdisciplinary Journal of Body Weight and Society**, 2013, 2:2, p. 114-117.

WYKES, J.; PAUSE, C.; MURRAY, S. **Queering fat embodiment**, Farnham, Surrey, Ashgate Publishing, 2014.